

SEXUALIDADE INFANTIL: A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO SEXUAL E A IDENTIDADE DE GÊNERO¹

SEXUALIDAD INFANTIL: LA RELACIÓN ENTRE LA EDUCACIÓN SEXUAL Y LA IDENTIDAD DE GÉNERO

CHILD SEXUALITY: RELATIONSHIP BETWEEN SEX EDUCATION AND GENDER IDENTITY

Maria Fernanda Celli de OLIVEIRA²
Luci Regina MUZZETI³

RESUMO: Sabemos que as questões relacionadas à sexualidade estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento integral de qualquer indivíduo. Considerando que ainda hoje é comum encontramos resistência em relação ao tema, sobretudo na escola, onde grande parte dos(as) educadores(as) sentem-se desconfortáveis ou não aptos para tratar tais assuntos, pretendemos, com este trabalho, levantar algumas reflexões acerca do possível entrelaçamento entre a educação sexual e a estruturação da identidade de gênero no que se refere a crianças em fase de educação infantil, tendo como embasamento teórico os pressupostos de Pierre Bourdieu. A partir da análise da herança cultural (conceito desenvolvido pelo citado sociólogo) de três agentes escolares, buscamos problematizar neste trabalho algumas discussões acerca da interferência desta herança no que tange a educação sexual oportunizada às crianças no âmbito da educação infantil, provocando uma reflexão pautada na importância da Educação sexual dentro e fora do âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Educação sexual. Identidade de gênero. Sexualidade infantil.

RESUMEN: Sabemos que las cuestiones relacionadas con la sexualidad están intrínsecamente ligadas al desarrollo integral de cualquier individuo. Considerando que aún hoy en día es común encontrar resistencias en relación al tema, especialmente en la escuela, donde la mayoría de los educadores se sienten incómodos o incapaces de afrontar este tipo de temas, pretendemos, con este trabajo, plantear algunas reflexiones sobre el posible entrelazamiento entre la educación sexual y la estructuración de la identidad de género en la infancia en la

¹ Foram utilizadas neste artigo, respostas obtidas com base em entrevistas realizadas durante o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado intitulada “TRAJETÓRIA SOCIAL E SEXUALIDADE: a estruturação da identidade de gênero na Educação infantil”, defendida no ano de 2017. Neste sentido, o presente estudo trata-se de um recorte da referida pesquisa, cujo principal objetivo foi analisar a interferência que a herança cultural de agentes escolares pode ter sobre a estruturação da identidade de gênero de crianças em fase de Educação infantil, ligadas a elas enquanto filhos(as) ou alunos(as) matriculados(as) na instituição de ensino que serviu como pano de fundo para a investigação.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6358-7986>. E-mail: maria.c.oliveira@unesp.br

³ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Professora no Departamento de Educação. Doutorado em Educação (UFSCAR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6808-2490>. E-mail: luci.muzzeti@unesp.br

educación infantil, a partir de los supuestos de Pierre Bourdieu. A partir del análisis del patrimonio cultural (concepto desarrollado por el citado sociólogo) de tres agentes escolares, buscamos problematizar en este trabajo algunas discusiones sobre la interferencia de este patrimonio en la educación sexual brindada a los niños en el ámbito de la educación infantil, provocando una reflexión basada importancia de la educación sexual dentro y fuera del entorno escolar.

PALABRAS CLAVE: *Educación Infantil. Educación sexual. Identidad de género. Sexualidad infantil.*

ABSTRACT: *We know that issues related to sexuality are intrinsically linked to the integral development of any individual. Considering that even today it is common to find resistance in relation to the theme, especially at school, where most of the educators feel uncomfortable or not able to deal with such issues, we intend, with this work, to raise some thoughts about the possible intertwining between sex education and the structuring of gender identity with regard to children in early childhood education, based on Pierre Bourdieu's assumptions. Based on the analysis of the cultural heritage (a concept developed by the aforementioned sociologist) of three school agents, we seek to problematize in this work some discussions about the interference of this heritage regarding the sexual education provided to children in the scope of early childhood education, causing a reflection based on importance of sex education inside and outside the school environment.*

KEYWORDS: *Child education. Sex education. Gender identity. Child sexuality.*

Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo problematizar algumas questões acerca da relação entre a interferência da Educação infantil sobre a sexualidade e estruturação da identidade de gênero, partindo da influência da herança cultural de agentes escolares sobre as crianças.

Vale frisar que as questões relacionadas ao gênero e sexualidade ainda encontram barreiras para serem discutidas dentro e fora do sistema de ensino. As consideráveis lacunas sobre estes temas, bem como os preceitos e as heranças culturais perpetuam as desigualdades calcadas na naturalização dos papéis femininos e masculinos.

As diferenças entre os gêneros partem da realidade social e cabe justamente às Ciências Sociais a desmistificação da naturalidade presente no estabelecimento de papéis de gênero, considerando que o comportamento e a maneira de pensar são fatores que sofrem interferência direta das relações sociais e culturais.

Boroto e Senatore (2019, p. 1341), apontam que:

Ao longo dos séculos inúmeros discursos foram sendo formulados em torno do tema sexualidade. A cada momento histórico, tais discursos foram sendo apresentados como verdades ditadas ora pelo Estado, pela Igreja ou pela medicina que, através de discursos ideológicos, foram determinando o que deveria ser considerado “normal”.

Neste sentido, ainda se constata dificuldades relacionadas à abrangência das temáticas de gênero e sexualidade no âmbito escolar e isto, na maioria das vezes, parte dos(as) próprios(as) educadores, fato este que consolida ainda mais o bloqueio para tratá-las. Fialho e Nascimento (2017) discorrem que a escola por ser considerada uma instituição que normaliza condutas, acaba por limitar o comportamento dos indivíduos, levando-os a uma atuação engessada, principalmente porque é comum ser censurada.

As diferenças relacionadas ao gênero estão presentes em todos os âmbitos de nossa sociedade. Podemos verificar tal afirmação com base em estudos como o de Lucifora *et al.* (2019, p. 1396),

Estudos na área da educação, cultura e sociedade apontam um contexto desigual no Brasil, no que diz respeito às relações entre os gêneros e, que se iniciando na formação familiar, acaba avançando por diversas outras instituições como escola, igreja, hospital, mídia etc., que seguem podendo relações mais justas e igualitárias entre os diferentes sujeitos.

Cabe observar que a sociedade moderna é resultado de um longo processo histórico de repressão e machismo, o qual insiste a se perpetuar, e isso ocorre, dentre outras coisas, em decorrência da ausência de reflexão acerca das relações de gênero dentro e fora do âmbito escolar.

A sociedade contemporânea que se relaciona com o sexo de forma repressora, omissa, e reprodutora de modelos alienados, não possui uma consciência sexual humana, pelo contrário, e isto deve-se sim ao fato desta mistura de culturas sexuais não ser estudada e explorada ao longo dos anos. Assim como todos os pontos principais de uma discussão importante para educação sexual como: o machismo, os tabus, a culpa, a sexualidade como uma parte importante na vida do ser humano e conseqüentemente da identidade, culminam em um assunto que acaba de certa forma omitido e negligenciado, se tornando grande a falta de trabalhos e espaços sociais que relacionam este tema (GODOY, 2018, p. 275).

Com base nas atuais necessidades sociais, ressaltamos a importância de uma Educação sexual adequada desde a mais tenra idade, destacando assim, a atuação imprescindível da Educação infantil na formação integral do indivíduo.

De forma contínua e lúdica, os professores da Educação Infantil podem acompanhar as necessidades e as habilidades de seus pequenos explorando

situações no contexto escolar de forma real e positiva, e nesse sentido, a diversidade se torna um assunto rico para ser explorado tendo em vista as ferramentas e recursos pedagógicos que essa fase escolar permite utilizar (ADURENS *et al.*, 2018, p. 151).

Para este estudo, partimos da interferência que a herança cultural de agentes escolares pode vir a exercer sobre a estruturação da identidade de gênero de crianças em fase de Educação Infantil, onde pretendemos elencar alguns apontamentos acerca das consequências que a concepção pautada no androcentrismo pode trazer à educação dos indivíduos, uma vez que, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 1999, p. 18).

Gênero e sexualidade infantil: a perpetuação das desigualdades sociais

Vivemos em uma sociedade onde é recorrente sermos ensinados ou encaminhados a agir conforme padrões estabelecidos sócio historicamente. Os diferentes âmbitos, a saber, escola, família e sociedade contribuem e perpetuam tais concepções dificultando a aceitação ou respeito às diversas maneiras de viver a sexualidade.

Apoiando-nos na ideia de que a sexualidade trata-se de um conceito amplo e historicamente constituído, nos apropriamos da definição trazida por Maia e Ribeiro (2011), que defendem que,

A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. Assim, as atitudes, valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 75).

Neste sentido, ainda segundo Maia e Ribeiro (2011), apesar de a educação sexual poder ser realizada em diversos âmbitos, devemos considerar a escola enquanto local mais propício para que a mesma aconteça, devido a dois grandes motivos: em primeiro lugar porque se espera que a criança ingresse na mesma desde tenra idade e que permaneça até o final da adolescência; e em segundo lugar, porque é na instituição escolar que o indivíduo aprende a se posicionar, refletir e questionar as relações sociais.

Preliminarmente devemos considerar que as crianças são seres ativos e que estão em constante aprendizado e constituição de identidade. Neste sentido, é imprescindível que elas

sejam expostas a exemplos e discursos que incitem o respeito às diversidades e peculiaridades. Neste tocante, ressaltamos a importância dos(as) educadores infantis na formação das crianças. Além disso, a família e a sociedade em geral, devem condizer com uma postura que favoreça e considere as diferenças e multiplicidade de valores e costumes.

Nesta linha de pensamento, podemos afirmar que é papel da instituição de ensino estabelecer uma orientação sexual adequada desde a mais tenra idade, uma vez que,

A sua discussão na escola diferencia-se dos outros locais, pois, além de poder se desenvolver como um trabalho docente coletivo, intencional, sistemático e contínuo, nela possibilita-se o conhecimento científico de adequadas medidas de prevenção para a saúde e de pontos de vista diferentes sobre a sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros (SILVA, 2008, p. 4).

Segundo Ruis e Perez (2017), o papel da Educação Infantil enquanto imprescindível instituição de ensino responsável pelo convívio e formação das crianças pequenas, tem o objetivo de propiciar e estabelecer espaços para que as crianças reflitam acerca das diversas maneiras de viver a infância.

Neste sentido, nos apoiamos nos estudos de Maia e Ribeiro (2011) para defender que,

[...] a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 77).

Para conceituar o gênero nos apoiamos em Pierre Bourdieu (1999), que o define como a “socialização do biológico e biologização do social (BOURDIEU, 1999, p. 9)”. Isso quer dizer que, o gênero é construído e estruturado pelo indivíduo com base em suas relações sociais, englobando relações de lutas e dominações que permeiam a ordem social das coisas, que funciona,

[...] como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos [...] (BOURDIEU, 1999, p. 18).

No entanto, podemos ressaltar que, após as diversas lutas e conquistas das mulheres durante as últimas décadas, as discussões relacionadas aos papéis de gênero vêm ganhando espaço na sociedade, tornando iminente a necessidade de trabalhar o assunto dentro e fora do âmbito escolar.

A formação do gênero inicia-se no contexto familiar, mas avança para outras instituições. Os sujeitos internalizam nos convívios sociais representações de masculinidades e feminilidades e compreendem mesmo que de forma inconsciente como enquadrar-se na heteronormatividade. A família inculca desde muito cedo formas consideradas normais de agir em sociedade e repreende aquilo que é visto como um desvio (LUCIFORA *et al.*, 2019, p. 1398).

Assim, as disposições perante o gênero enquadram-se como resultado da trajetória social e da herança cultural, principalmente em relação aos aspectos relacionados com a cultura familiar e escolar (BOURDIEU, 1999).

Ainda conforme Bourdieu (1999, p. 41):

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente, em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.

Com base no exposto e apoiadas nos princípios da educação sexual apresentados por Maia e Ribeiro (2011), endossamos a ideia de que a escola deve embasar-se em “[...] uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78-79).

Em relação à compreensão que os professores(as) devem deter sobre as manifestações sexuais de seus alunos(as), é imprescindível que os mesmo tenham “[...] clareza tanto da abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade, quanto da compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 80).

Método

A investigação aqui proposta partiu do desvelamento da influência que a herança cultural de três agentes escolares - de uma instituição de Educação infantil de médio porte do interior paulista - pode vir a ter sobre as questões tangentes à sexualidade e estruturação da identidade de gênero de crianças ligadas a estes, sejam enquanto alunos(as)/filhos(as). Durante a investigação, participaram do estudo: uma professora, uma secretária (funcionária que atendia diretamente os(as) alunos(as) durante todo expediente escolar) e a diretora. Neste contexto, fora realizada uma entrevista semiestruturada dividida em dois grandes blocos, a fim de, compreender as relações existentes entre a trajetória social das participantes e sua relação sobre

as questões relacionadas ao gênero e sexualidade. A elaboração do instrumento utilizado para a realização da entrevista semiestruturada, partiu do roteiro construído e empregado por Luci Regina Muzzeti em sua dissertação intitulada “*Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40*” e posteriormente em sua tese “*Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40*” (MUZZETI, 1992; 1997). Destaca-se ainda que, o instrumento foi elaborado/modificado com base nos conceitos-chave apreendidos pela sociologia bourdieusiana, a saber, *habitus*, capital cultural, capital social, capital econômico, herança cultural e gênero.

Para a análise de dados foi utilizado o método praxiológico, também elaborado pelo sociológico francês e sua equipe que, visa analisar os conceitos por meio da práxis, ou seja, por meio das relações sociais, estabelecendo uma relação entre teoria e prática.

[...] o conhecimento que podemos chamar de praxiológico, tem como objetivo não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização e exteriorização e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista [...] (ORTIZ, 1983, p. 47).

Resultados

Conforme Godoy (2018), se partirmos da trajetória da sexualidade encontraremos distintos momentos de avanços e retrocessos marcados por ações de repressão e liberação sexual. Porém, constantemente, ainda nos deparamos com situações que se perpetuam em nossa sociedade, marcada pelo machismo e patriarcado estabelecido historicamente.

Podemos constatar que os diversos tabus e lacunas referentes às questões de gênero e sexualidade ainda estão fortemente presentes dentro do âmbito escolar e engloba todos os agentes envolvidos dentro e fora da instituição de ensino. Abaixo serão descritos alguns resultados obtidos com base nos dados coletados pela pesquisa “TRAJETÓRIA SOCIAL E SEXUALIDADE: a estruturação da identidade de gênero na educação infantil” (OLIVEIRA, 2017)⁴, conforme detalhado em nota de rodapé explicitada no início do texto.

Iniciaremos a análise com base na definição acerca das diferenças sociais trazida por Bourdieu (1999, p. 34):

⁴ Vale destacar que, as três colaboradoras foram selecionadas com base em dois pré-requisitos: deveriam ser agentes escolares da instituição de ensino analisada e, ao mesmo tempo, mães/responsáveis por crianças em fase de Educação infantil.

As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e, na colheita das azeitonas, são elas que as juntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais.

Podemos observar esta relação na fala de Márcia, professora (não-graduada), 37 anos, casada e mãe de três filhos (OLIVEIRA, 2017) que discorre acerca do ser um homem bem sucedido, é “[...] um homem com uma boa profissão, que estuda, ‘tipo’ advogado” (OLIVEIRA, 2017, p. 52), enquanto uma mulher bem-sucedida é aquela que se sente “[...] realizada com casa própria, seus filhos [...] um bom trabalho que, não precise trabalhar o dia todo, ter um tempo pra você e um tempo pros filhos, trabalhar só meio período” (OLIVEIRA, 2017, p. 51).

Quando indagada quanto a dificuldades em falar sobre sexualidade e gênero com os filhos em casa, a professora diz não conversar muito sobre isso (OLIVEIRA, 2017). Ao mudar o enfoque e questionar se as temáticas deveriam ser tratadas dentro da escola, a participante afirma que elas não estão e nem deveriam estar presentes no âmbito escolar.

Ao contrário desta afirmação, as autoras Giachini e Leão (2016) afirmam que “[...] o ambiente escolar acaba sendo um propulsor de habilidades distintas para meninas e meninos, manipulando comportamentos vistos como mais pertinentes para cada sexo” (GIACHINI; LEÃO, 2016, p. 1418).

Ao prosseguirmos com nossa análise, quando questionamos a participante Márcia acerca do significado do termo sexualidade, ela demonstra desconhecimento e dúvida, afirmando ter tido as primeiras informações sobre sexo pela TV.

A colaboradora Dolores é auxiliar de escritório na secretaria da escola de educação infantil aqui analisada. Tem 26 anos, é casada e mãe de duas filhas.

Quando questionada sobre o fato de existirem coisas próprias de meninas ou meninos, Dolores (OLIVEIRA, 2017) afirma que atualmente a questão está sendo frequentemente discutida e dá sua opinião, estabelecendo a diferença entre os gêneros,

[...] hoje em dia eu vejo mais isso, porque "tá" se discutindo muito isso, então eu tenho preocupação pelas minhas filhas, mas não que eu discrimino se ela quiser brincar de bola, ela vai brincar de bola, mas sabendo que é um brinquedo que é do amiguinho, no caso, um menino (OLIVEIRA, 2017, p. 44).

A entrevistada Antonela tem 41 anos, é casada e mãe de uma filha. É diretora da Instituição de ensino analisada e fora responsável pela indicação das demais participantes. Antonela afirma que existem brinquedos próprios de meninos e meninas discorrendo,

Ah, eu acho que, por exemplo, a boneca é mais de menina sim, a criança as vezes quer brincar de boneca mas não sabe que a boneca é de sexo feminino ou de sexo masculino e pega e fala ah.."-ah é um bebê, meu bebê"; e a bola também, várias meninas gostam de brincar de bola e, e bola é mais pra menino [...] (OLIVEIRA, 2017, p. 48).

Dolores também acredita que existem brinquedos e brincadeiras próprios de meninas ou meninos, como podemos verificar em sua fala,

Acho que "lutinha", é brincadeira de menino, sempre é uma brincadeira que não é legal, mas é uma brincadeira de menino, eu acho que menina não tem que "tá" no meio. E eu acho que boneca, maquiagem, cabeleireiro.... que a minha filha ama brincar disso, então, é de menina (OLIVEIRA, 2017, p. 44).

Já em relação à homossexualidade todas as participantes afirmam que o pai não aceitaria, demonstrando assim, a relação de machismo ainda enraizada em nossa sociedade, conforme podemos identificar nas falas de Márcia, Dolores e Antonela, respectivamente:

O meu pai, meu pai é muito bravo, meu pai não aceita [...] Minha mãe sim, minha mãe é moderna, mas o meu pai... meu pai é "bixo do mato", meu pai é bravo demais (OLIVEIRA, 2017, p. 43).

Meu pai não aceitaria, minha mãe me amaria do mesmo jeito (OLIVEIRA, 2017, p. 46).

A minha mãe nem tanto, mas, meu pai acho que não aceitaria (OLIVEIRA, 2017, p. 50).

Sobre a desvalorização do trabalho doméstico, Bourdieu (1999, p. 117) afirma que, "o fato de que o trabalho doméstico da mulher não tenha uma retribuição em dinheiro contribui realmente para desvalorizá-lo, inclusive a seus próprios olhos, como se este tempo, não tivesse valor de mercado [...]". Tal estruturação das posições familiares pode ser ilustrada com base no relato da participante Márcia quando indagada acerca da opinião do marido em relação à sua profissão, "[...] Ele gosta, ele acha excelente, só que ele sente falta de eu "tar" em casa com 'as criança', que ele reclama o tempo todo, mas eu preciso trabalhar" (OLIVEIRA, 2017, p. 41).

Dolores (2017) é a participante mais jovem e a única a afirmar que o marido a ajuda por igual, porém afirma que com os pais era diferente e discorre sobre a mãe, "[...] minha mãe nunca questionou, porque ele sempre não deixou faltar nada, então..." (OLIVEIRA, 2017, p. 53).

Segundo Pessoa (2012), para que a escola possibilite uma educação sexual de qualidade é imprescindível que a mesma seja capaz de consolidar novas formas de socialização, onde o educador valorize seu saber, se desvinculando de preconceitos e valores arraigados, contribuindo de maneira positiva na formação pessoal e social de seus alunos. Conforme Argenti e Milani (2017, p. 219) é preciso que,

[...] o professor seja considerado construtor, sujeito de sua própria maneira de ser e agir profissionalmente, onde toda a experiência é considerada e valorizada. O segundo pressuposto é que o professor precisa ter suporte, através de apoio, desafios e estímulos lançados durante o processo de educador. O terceiro é que precisamos considerar a escola como objeto de reflexão e como um local de ação, ou seja, devemos enxergar o professor como um sujeito pensante, reflexivo e que toma decisões, inova, atua e avalia.

A herança cultural dos agentes sociais reforça a idealização da visão binária de gêneros, ainda fortemente arraigada em nossa sociedade, o que dificulta a aceitação da diversidade de gêneros, tornando-se um fator de problematização que deve ser encarado como um enfrentamento da reprodução das desigualdades sociais. Segundo Torrada *et al.* (2020, p. 58) “[...] as famílias reproduzem e perpassam valores culturais e normas sociais em que prevalecem desigualdades, preconceitos e violências”.

Ainda conforme as autoras, as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade sempre estiveram presentes no âmbito escolar, uma vez que, trata-se de uma instituição que ao articular-se com as outras, “[...] produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações e constituem certas relações de poder” (TORRADA *et al.*, 2020, p. 48).

Desse modo, sendo a escola um espaço “generificado” e “sexualizado”, que produz e reafirma estereótipos de gênero e sexualidade a meninas e meninos, esse também passa a ser um lugar potente em que tais temáticas façam parte como temas possíveis de questionamento, como questões a serem (des)construídas com alunas/os, professoras/es, equipe pedagógica e diretiva e comunidade escolar (TORRADA *et al.*, 2020, p. 48).

Desta maneira, cabe ao(a) educador(a) trazer a reflexão constante a sua prática educativa, partindo das dificuldades e problemas enfrentados dentro do âmbito escolar, a fim de, sanar as lacunas, preconceitos e desconhecimentos relacionados também, as questões relacionadas ao gênero e sexualidade.

Portanto, entende-se que o professor é o ator/autor social a quem cabe o papel de, na escola, auxiliar o estudante a subjetivar o conhecimento, transformá-lo em algo pessoal através da reflexão sobre suas curiosidades e angústias referentes à sexualidade. Desta forma, conhecendo seu corpo, sentimentos e

valores, possam viver a sexualidade de maneira mais plena, visto que os jovens necessitam de espaços em que possam questionar, desenvolver a capacidade de tomar decisões, comunicá-las aos outros, lidar com os conflitos e defender as suas opiniões, mesmo que (ou principalmente se) essas sejam contrárias às opiniões dos outros (BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2015, p. 1448).

Diversos comportamentos caracterizados pelas atitudes e posicionamentos dentro da escola, ressaltam e perpetuam ainda mais as diferenças relacionadas ao gênero.

Nas ações docentes, a construção de gênero se dá cotidianamente, mesmo que não haja uma intenção ou clareza disso por parte das/os professoras/es. As aulas colocam em circulação diferentes noções de gênero e seus atravessamentos com as sexualidades, que são atribuídas aos sujeitos. Os gêneros estão presentes nas escolhas de imagens, textos, cores, lugares, músicas e performances para afirmar essa demarcação entre o que constitui homens e mulheres, seus corpos e desejos (FERRARI *et al.*, 2020, p. 224-225).

Um exemplo que pode ser usado para ilustrar esta afirmação é a fala da participante Antonela que, quando questionada a respeito das repreensões exercidas sobre os alunos(as) dentro da escola enquanto diretora e quando confrontada acerca de questões relacionadas ao gênero diz que nunca o fizera, mas que se fosse necessário realizaria sem hesitar. Em relação a dificuldades em falar sobre o assunto com a filha, Antonela afirma não possuir nenhuma, ao contrário do esposo que, segundo suas palavras “[...] é machista” (OLIVEIRA, 2017, p. 50).

Quando questionada em relação ao trabalho das questões de gênero dentro da escola, Antonela afirma que, não são exploradas, mas,

[...] tem uma supervisão pela coordenadora, então eu acredito que se tiver alguma coisa que vá interferir assim, aí no pensamento... aí nós entramos em contato com os pais e com a professora, tudo num conjunto pra estar trabalhando pra ver o quê que tá acontecendo com essa criança (OLIVEIRA, 2017, p. 50).

Antonela ainda defende que tais temáticas não devem ser trabalhadas dentro da escola e reafirma que as mesmas devem ser tratadas “[...] em casa por isso que eu chamo os pais, de repente em casa gosta de brincar, aí nós vamos descobrir o porquê” (OLIVEIRA, 2017, p. 49).

Neste sentido,

[...] é imprescindível refletir sobre as práticas e mecanismos presentes na educação de meninos e meninas, adotados para a introjeção de conceitos e modelos relacionados ao gênero, bem como, de que forma as diferenças de gênero são inscritas em seus corpos, como normatizam, regulam e controlam seus comportamentos, atitudes etc (RUIS; PEREZ, 2017, p. 286).

Na maior parte das vezes, a separação entre os gêneros ocorre de maneira natural e sem reflexão por parte dos educadores/agentes escolares, e se dá de diversas maneiras, seja com a disponibilização de brinquedos, nas repreensões acerca do comportamento ou nos interditos que ocorrem durante toda a permanência das crianças na instituição.

Segundo Sciotti (2019, p. 1570),

As relações de gênero estão presentes no meio escolar a todo o momento, sendo observadas na expectativa que essa instituição social manifesta no que diz respeito aos desempenhos, atitudes, modos de agir e às condutas de seus alunos e alunas, uma vez que se espera que apresentem comportamentos distintos.

É na escola que as diferenças sociais se perpetuam. Por isso, é necessário que a prática dos(as) educadores(as), bem como, de todos os membros envolvidos no âmbito escolar, seja constantemente refletida e reestruturada, a fim de acompanhar as necessidades dos alunos(as).

Para que essa formação seja efetiva são necessários alguns pressupostos. O primeiro é que o professor seja considerado construtor, sujeito de sua própria maneira de ser e agir profissionalmente, onde toda a experiência é considerada e valorizada. O segundo pressuposto é que o professor precisa ter suporte, através de apoio, desafios e estímulos lançados durante o processo de educador. O terceiro é que precisamos considerar a escola como objeto de reflexão e como um local de ação, ou seja, devemos enxergar o professor como um sujeito pensante, reflexivo e que toma decisões, inova, atua e avalia (ARGENTI; MILANI, 2017, p. 219).

Discussões finais

A desconstrução de preconceitos e tabus arraigados historicamente não é uma tarefa fácil, porém, cabe a todos(as), sobretudo aos(as) educadores(as), um constante exercício de incorporação acerca da importância de uma educação sexual adequada, a fim de, contribuir de maneira efetiva na formação integral das crianças, o que envolve as questões relacionadas ao gênero e sexualidade.

Se desprender de antigas concepções que desfavorecem determinados indivíduos ou que perpetuam as condições de dominados e dominantes, desde a mais tenra idade, significando que o trabalho de tais questões deve iniciar-se na Educação infantil. Para isso, é imprescindível que educadores, família e sociedade estejam unidos em prol de uma educação emancipatória e positiva a respeito do desenvolvimento das crianças.

É comum escutarmos que existem profissionais que são mais adequados para trabalhar as questões relacionadas a sexualidade e gênero dentro da escola, mas quem são e onde estão

esses profissionais? Devemos ter a consciência que todo(a) e qualquer educador(a) deve se responsabilizar pela formação pessoal e social de seus/suas educandos(as) e, a sexualidade deve estar presente nesse leque de conhecimentos, uma vez que, falar sobre a temática é falar sobre a vida. Para isso é necessário que o(a) profissional da educação, esteja em constante reflexão e autoanálise dentro e fora do âmbito escolar.

A urgência em trabalhar as questões tangentes à sexualidade e gênero é iminente e família e sociedade devem estar atreladas em prol de uma Educação sexual que considere efetivamente a multiplicidade da vida. A discussão acerca da temática está presente dentro e fora da escola, o que deixa a desejar, porém, é um discurso emancipatório e eficaz, a fim de, contribuir para a formação integral dos educandos.

Mas, não basta somente dizer. O fazer, ou seja, as atitudes e posturas adotadas pelos profissionais que atuam dentro do âmbito escolar devem ser estratégias eficazes que necessitam de constante avaliação e reelaboração. É dentro da escola que as diferenças e peculiaridades são vivenciadas, experienciadas e legitimadas.

Mesmo que o receio em trabalhar as questões relacionadas ao gênero e a sexualidade ainda estejam fortemente presentes na atuação profissional da maioria dos(as) professores(as), é preciso que os(as) mesmos(as) se identifiquem como profissionais produtores(as) de saberes e não simplesmente reprodutores(as) de técnicas imutáveis e estáticas.

Como apoio a estes(as) educadores(as), é de extrema importância que as pesquisas envolvendo as questões de gênero e sexualidade na infância sejam realizadas e compartilhadas com a sociedade de maneira geral, contribuindo intrinsecamente ao desenvolvimento de todos os indivíduos.

Neste sentido, para que alcancemos uma sociedade mais igualitária é imprescindível que todos os âmbitos sociais e, sobretudo a escola, compreendam a importância de abordar as questões relacionadas à sexualidade e gênero dentro e fora da instituição educacional.

AGRADECIMENTOS: CAPES.

REFERÊNCIAS

ADURENS, F. D. L. *et al.* Reflexões sobre a diversidade na educação infantil: um olhar para a formação de professores. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11638>. Acesso em: 13 jul. 2020.

ARGENTI, P. C.; MILANI, D. R. C. Educação sexual e docência: as relações de gênero, a diversidade e a sexualidade dentro da escola. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 212-223, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10901>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BOROTO, I. G.; SENATORE, R. C. M. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1339-1356, jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12583>. Acesso em: 9 jul. 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. esp. 2, p. 1445-1462, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8330>. Acesso em: 10 jul. 2020.

FERRARI, A.; GOMES, C. I. S.; BERTO, C. M. G. A prática docente e as relações de gênero e sexualidades: conversando com professoras e professores. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 27, n. 1, p. 223-243, jan./abr. 2020.

FIALHO, L. M. F.; NASCIMENTO, L. B. S. O que os gestores escolares da rede pública entendem sobre gênero? **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 2, p. 927-945, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10147>. Acesso em: 11 jul. 2020.

GIACHINI, A. C. B.; LEÃO, A. M. C. Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica. **Revista IberoAmericana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 3. p. 1409-1422, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/issue/view/565/showToc>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GODOY, D. A. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e desenvolvimento da área na educação escolar. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 272-280, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11893>. Acesso em: 11 jul. 2020.

LUCIFORA, C. A. *et al.* Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1395-1409, jul., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12607>. Acesso em: 9 jul. 2020.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. ISSN 1413-2060. Disponível em: https://www.academia.edu/12736279/Educa%C3%A7%C3%A3o_Sexual_princ%C3%ADpios_para_a%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 10 out. 2020.

MUZZETI, L. R. **Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 1992.

MUZZETI, L. R. Consenso ou conflito: contribuições das teorias sociológicas de Émile Durkheim e de Pierre Bourdieu. **Boletim do Departamento de Didática**, Araraquara, v. 16, n. 15, 1999.

OLIVEIRA, M. F. C. **Trajetória social e sexualidade**: a estruturação da identidade de gênero na Educação Infantil. Orientador: Luci Regina Muzzeti. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/149966>. Acesso em: 12 jul. 2020.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**: sociologia I. Organizador [da coletânea] Renato Ortiz. Trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes cientistas sociais; 39)

PESSOA, E. R. A. Políticas públicas, a atuação docente e o desenvolvimento de habilidades: gêneros e sexualidades na educação básica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 12, p. 35-47, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9326>. Acesso em: 12 jul. 2020.

RUIS, F. F.; PEREZ, M. C. A. Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 283-294, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10922>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SCIOTTI, F. F. R. Ser professor na educação infantil: gênero e docência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1569-1579, jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12616>. Acesso em: 9 jul. 2020.

SILVA, L. R. G. A política educacional e a orientação sexual nas escolas. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 5, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9155>. Acesso em: 11 jul. 2020.

TORRADA, L.; RIBEIRO, P. R. C.; RIZZA, J. L. Estratégias de resistência possibilitando o debate de gênero e sexualidade na escola. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, ano 35, n. 111, p. 46-63, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/9088>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Como referenciar este artigo

OLIVEIRA, M. F. C.; MUZZETI, L. R. Sexualidade infantil: a relação entre educação sexual e a identidade de gênero. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp. 3, p. 1825-1840, dez. 2020. e-ISSN:1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14288>

Submetido em: 10/01/2020

Revisões requeridas: 20/07/2020

Aprovado em: 30/10/2020

Publicado em: 30/11/2020